

# FOLHAS AO VENTO

## *segunda viagem*

### *Revisita a poemas de ESTRAVAGÁRIO, de Pablo Neruda*

*Li este livro e escrevi poemas e fragmentos meus, sobre os de Neruda, ao longo de vôos de avião entre o México DF e Londres em 1982. Depois eu o levei a Manta, no Litoral do Equador, em setembro de 1989.*

*Agora, a partir de janeiro de 2005, eu retomo os meus escritos e os poemas de Neruda. E não sendo tudo como foi um dia, pode ser pelo menos um pouco de como era. E de novo, retomo o retomado em fins de dezembro de 2009, na mesma casa dentro da mesma Mata Atlântica, na frente do mesmo mar, na mesma vila da Comunidade de Picinguaba.*

### **Um**

*Certificados do olho longo e lento  
Inscrições na unha da amêndoa  
E título na erva da manhã.  
Um toco de vela, um de lápis  
uma Rosa dos Ventos, um rosário  
o inventário de nomes em que crer  
um almanaque escrito em língua antiga  
um breviário romano, em livro celta  
e o calendário dos dias de viver.*

## **Dois**

*Se trata que tanto eu vivi  
Que quero viver outro tanto  
E reviver em quem fui,  
Quem em deixei em algum canto.*

*Nunca vivi sem querer  
Viver de novo e agora.  
Nunca custou tanto a vida  
Entre meus lábios de auroras.*

*Página 11*

## **Três**

*E chega a morte ao calendário  
E de negro tinge o dia e a hora  
E o que foi lonjura em céu de maio  
É o tempo que cabe num agora.  
É o tempo da ceifa e da colheita  
Do que é seiva em nós e nos acolhe  
Sob o teto da casa da memória.*

*Página 17*

## **Quatro**

*A prisão da memória  
Amedronta o poeta  
Entre três e seis horas  
Ele teme o encontro  
Entre o pássaro e o tempo  
Entre a terra e o retorno  
Entre a alma e o animal.  
Ele teme o retorno  
Outra vez, como sempre  
Da noite e do vento.*

*Página 20*

### **Cinco**

*Guardo para ti essas noivas selvagens  
Que haverão de tecer a primavera  
E que não conhecem o pranto  
Guardo para a noite que te habita  
Essas luzes de fogo e de agosto  
E murmúrio de um velho bruxo  
Sobre os mistérios do mundo.  
E mais as flores, o mel, o odor dos campanários  
De torres de igrejas onde deus é pombas  
E o sopro dos ventos e o rumo da vida.*

*Página 25*

## **Seis**

*Eu sou um professor da vida  
E da morte, um estudante  
E se o que eu sei não lhes serve  
Nada eu disse e eu disse tudo.*

*Página 31*

## **Sete**

*Como então fosse ontem e eu, pequeno  
Com a mão direita apontava as estrelas  
E segredava entre os dentes os seus nomes.  
E pensava que o poder de soletrá-las  
Me fazia grande e eterno como a noite.  
Um momento, um só momento desses  
Salva o homem da morte e do esquecimento.*

*Página 32*

## **Oito**

*Mais um pouco e não te veremos  
Lua, irmã, luzeiro da noite escura.  
Mais alguns minutos de vôo ao norte  
E irás sumir atrás da última janela.  
Mais alguns momentos e apenas  
A tua luz de mil velas de festa de aldeia  
Haverá de iluminar a asa do avião.  
Brilha, portanto, como num altar  
Diante da mulher que ora de joelhos  
E como tu, irmã, vestida de branco  
Não sabe mais se crê em um deus  
Ou se o cria só de estar ali de joelhos  
Vestida de branco, atenta e acesa.*

*No mesmo vôo entre o México e Londres, sobre o oceano  
Na noite de 4 de setembro de 1982.  
Página 36*

## **Nove**

*Que eles descubram a aurora  
Cavando a noite com as duas mãos  
E aos seus nomes dêem beijos.  
Que eles aprendam com as aves  
O calendário do outono  
E voem como em setembro  
As folhas secas ao vento.*

*Página 39*

## **Dez**

*Agora, vistos do alto  
Enquanto a manhã amanhece  
Lugares que conheci vagando  
A ponta dos dedos nos mapas.  
Lugares reais como a noite  
Como os silêncios que agosto  
Semeia no coração.  
A península do Labrador  
Os grandes mares do Norte  
ilhas e ilhotas de gelo  
Que os ventos do Ártico sopram  
E depois com força empurram  
Contra os calores do Sul.*

*Página 43*

## **Onze**

*Caminhos, eu os encontro  
Mais me perdendo que achando  
Pois se não me perco, onde  
Posso encontrar-me encontrando  
Caminhos que por perdidos  
Deram em caminhos e encontros.*

*Página 50*

## **Doze**

*Como no Chile, beiras do mar  
Em Punta de Tralca.  
Éramos sérios, salvaríamos o mundo  
E dizíamos as palavras pungentes  
De quem sabe que vai salvar o mundo.  
Mas eu muito me esqueci do que disse  
E do que eu ouvi.  
Mas nunca irei esquecer o canto triste  
O piado marinho daqueles pássaros do Pacífico  
Que eram como anjos cheios de luz  
E voavam como magos sobre as ondas  
E o vento frio do sul.*

*Página 52*

## **Treze**

*Enquanto escrevo estou longe  
E quando eu volto, parti:  
Vou ver se com outras gentes  
Acontece assim como a mim.  
Se eles são tantos como eu sou  
E se comigo parecem.  
Quando eu tenha averiguado  
Vou saber tão bem as coisas  
Que para explicar meus dilemas  
Falarei em Geografia.*

*Página 58*

## **Catorze**

*Com suas duas geografia  
Escritas nas línguas em que falam  
Alguns rapazes do Ceilão  
Davam berros que ninguém ouvia  
Numa esquina em Picadilly Circus.  
Os cartazes que ninguém lia  
Gritavam contra os tiranos  
Que em terras distantes  
Bebiam o vinho, gordos e surdos.  
Morenos homens, baixos e vestidos de terno  
Irmãos do meu silêncio na tarde fria  
Que entre brumas nos acolhe de repente  
E por um instante nos faz cúmplices.  
Porque eram as quatro horas da tarde  
E era frio e ventava e ninguém ouvia.  
Então parei por momentos na beira da calçada  
E num tímido gesto esquivo de estrangeiro  
Quis unir aos seus gritos de guerra  
A um deus, a um povo, a um quem?  
O meu aprisionado grito companheiro.*

## **Quinze**

*Passou um cachorro e uma monja  
As estrelas de Órion e um vaga-lume  
Uma semana e um ano e um arco-íris.  
Passou o lavrador do oitavo dia  
E uma braçada de rosa e açucenas.  
Passaram as horas de viver ainda  
E mais a soma dos anos esquecidos  
Num calendário deixado na estante  
Do quarto de uma moça cega  
Que não viu nada passar e vive apenas.*

*Página 68*

## **Dezesseis**

*E onde estás, vou perguntando  
Se os teus olhos desaparecem.  
Quanto tarda! Penso e me ofendo  
Eu me sinto pobre, tonto e triste  
e chegas eras como um brisa  
que sopra e soa sobre os laranjais*

*página 94*

## **Dezessete**

*O Douro que ontem subia azul  
Por serras e aldeias de Portugal  
Desce hoje verde e verdeja os vales  
Carregado do calor de setembro.*

*Página 108*

*Eu viajava de trem por Portugal indo Lamego  
E vindo de Lamego.*

## **Dezoito**

*Houve um sábado no mar do Rio  
O sol se escondia entre montes  
E era tarde e era dia ainda.  
Em um lugar de azul e nuvens  
Havia nas províncias do céu  
Dezenas de gaviotas voadoras.  
Pássaros marinhos da alegria.  
As pessoas da tarde comiam  
Porções de pão com cerveja  
E eram, como os pássaros, felizes.  
Porque era sábado e a praia  
Saltimbancava magias  
Que os meninos com pás de plástico  
Nos seus baldes recolhiam.*

*Página 110*

*Estaria eu já no Rio de Janeiro?*

## *Dezenove*

*Entre morrer e não morrer  
Me decidi pela viola  
E nessa intensa profissão  
Meu coração não tem trégua.  
Porque ali. Onde menos me esperam  
Eu chegarei com minha tralha  
Para colher o primeiro vinho  
Entre os assombros do outono.*

*Para dizer às flores de abril  
Que enfim amanhece e a chuva  
Precisa tanto delas como do sol,  
Quanto do canto e do amor.  
Por isso poeta, sigo nesse ofício  
De surpreender a cidade e a vida  
Com goles de vinho e vento.*

*Página em branco, final  
Deixei sem saber se este poema nerudiano é de Pablo Neruda ou meu.  
De qualquer forma, uma tocante coincidência.  
Ontem enviei para a editora o meu livro: **as flores de abril**.  
Hoje as mesmas palavras aparecem de repente em um poema.*

## **Vinte**

*E esses barcos, como os velhos  
Vieram assentar na areia  
E já não viajam mais.  
Inclinaram o casco e o mastro  
E usam bengalas e chinelas.  
Foram um dia a viagem  
E ao sol esquecem de onde partiram  
E quando aportaram aqui.*

*Página 181, do índice final*

## **Vinte e um**

*Eu te buscarei a quem amar  
Antes de que já não sejas mais um menino.  
Depois te toca abrir com as mãos a caixa  
E comer os teus sentimentos e o pão.*

*Tenho rainhas encerradas  
Como abelhas em meu domínio  
E, uma por uma, tu bem verás  
Como elas procuram no vento o bem  
E pranteiam na colmeia o mal  
Para se vestirem de maçãs  
Para voarem entre cerejeiras  
Para palpitarem na fumaça.*

*Guardo para ti essas noivas selvagens  
Que haverão de tecer a primavera  
De colher entre as frutas, uma de ouro  
E que por isso não conhecem o pranto.*

*No relógio do campanário  
Esconde-te enquanto desfilam  
As iluminuras do amaranto  
Entre as últimas filhas da neve,  
As perdedoras, as vitoriosas,  
As coroadas de amarelo,  
As infinitamente obscuras  
E algumas, ternas, pausadas  
Farão o seu baile transparente  
Enquanto outras ardendo passam  
Fugazes, como meteoros de luz  
De uma luz que se acende sem fogo  
Ao rumo de um gesto, um aceno.  
Dize-me, qual desejas já, agora  
Meio tarde seria tarde demais.  
Pois hoje acreditas no que te digo  
E amanhã negarás até esta luz.*

*Hoje sou eu quem fabrica sonhos  
E na minha casa de pluma e de pedra  
Com uma faca e mais um relógio  
Conto eu as nuvens e as ondas  
Com o que sei de geometria  
E faço crescerem seres sem rumo  
Que ainda irão nascer um dia.  
O que eu quero é que te queiram  
E que não reconheças a morte.*

*nas páginas em branco finais do livro*

## ***vinte e dois***

*Com nuvens e crepúsculos  
Estrelas, marés e centauros  
Corrijo todos os dias  
A minha rosa-dos-ventos.  
Com os objetos da vida  
Conselhos, mitos e sonhos  
Panelas e veleiros, panos  
Todas as noites revejo  
Os mapas de meus enganos.*

*na última (agora sim) página do livro em branco*

## ***vinte e três***

*(revisão do mesmo poema, na mesma página)*

*Cansaços, vigílias, sonhos  
Panelas, pães e veleiros,  
Todas as noites revejo  
Os mapas de meus inventos.  
Marinheiro aprendiz, reaprendo  
O pulso que freme abaixo  
Da arquitetura dos mares.  
Faz tempo deixei ao leme  
O poder de achar seus rumos  
No itinerário dos ventos.  
Não sei que dia de agosto  
Me faz esquecer pra sempre  
Que a morte é só o convívio  
Do viajante com o porto.*

*Sem indicação de data, mas na página 175 de **Estravagário**.*

*Esta é a página final do último poema de Neruda no livro.*

*Está escrito a mão o seguinte: “chegando a Recife, madrugada de 14 de setembro de 82. Chegando de Lisboa”.*

*Pois no desenho de rumos que fiz com a mesma caneta na contra-capas do livro, estão assinalados: Campinas/São Paulo/Rio/México/Inglaterra (e setas indicando três cidades)/Portugal.*

*E, em Portugal: Lisboa/Porto/Lamego/Alba da Foz*

*(houve mesmo em meu caminho uma esquecida cidade com este tão lindo nome: Alba da Foz?)*

*Acabado de ser revisto e transcrito na manhã de dias de muita chuva, na Rosa dos Ventos em um seis de janeiro de dois mil e cinco. Aniversário do André e dia da Festa da Epifania, para a Igreja, e de Santos Reis, para o povo.*

*Acabado de ser revisitado na noite de muita chuva (de novo) na Comunidade de Picinguaba (que não deve ser confundida com a Praia de Picinguaba, sem a comunidade de pescadores), do dia 28 de dezembro do ano de dois mil e nove.*

**Carlos Rodrigues Brandão**